

O uso de história de mulheres em aulas do ensino fundamental: existir, resistir e persistir é preciso

Lindamir Salete Casagrande⁴⁰

Resumo: Estamos saindo de um período no qual os direitos humanos foram duramente atacados por um governo sustentado por uma parcela da população que se mostrou extremamente conservadora e violenta. Falar sobre gênero e sexualidade passou a ser arriscado e ofensivo à família brasileira. Cabe lembrar que a maioria das violações sexuais contra crianças e adolescentes são praticadas por familiares próximos. Precisamos existir, resistir e persistir na busca de formas diferenciadas para abordar estas temáticas com as/os estudantes. O uso de história de mulheres pode ser uma boa alternativa, além de ser uma atividade lúdica e interessante para as crianças. O objetivo deste artigo é refletir sobre o uso de história das mulheres em aulas do Ensino Fundamental para abordar diversos temas do currículo escolar. No decorrer do artigo apresentaremos algumas sugestões de atividades que as/os professoras/es podem desenvolver com os/as estudantes, bem como, faremos algumas indicações de livros e outros materiais que podem servir de ponto de partida para tais atividades. Convidamos as/os docentes a refletir sobre esta possibilidade e a proporcionar aulas diferenciadas para seus/suas alunos/as.

Palavras-chave: História de mulheres; Ensino Fundamental; Equidade de gênero; mulheres nas ciências.

The use of women's history in elementary school classes: existing, resisting and persisting is necessary

Abstract: We are coming out of a period in which human rights were harshly attacked by a government supported by a portion of the population that proved to be extremely conservative and violent. Talking about gender and sexuality became risky and offensive to the Brazilian family. It is worth remembering that most sexual violations against children and teenagers are committed by close family members. We need to exist, resist and persist in the search for different ways to approach these issues with students. The use of women's stories can be a good alternative, as well as being a playful and interesting activity for children. The purpose of this article is to reflect on the use of women's history in elementary school classes to address various topics in the school curriculum. In the course of the article, we will present some suggestions for activities that teachers can develop with students, as well as, we will do some indications of books and other materials that can serve as a starting point for such activities. We invite teachers to reflect about this possibility and to provide differentiated classes for their students.

Keywords: Women's history; Elementary School; Gender equity; women in the sciences.

⁴⁰ Doutora em Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. lindasc2002@gmail.com

Introdução

Pensar em formas alternativas, instigantes e atrativas de inserir a história das mulheres nas práticas educativas em sala de aula é fundamental quando se objetiva promover uma educação mais igualitária, que visibilize e dissemine a importância das atividades e produções femininas na construção da sociedade.

Segundo Marília Gomes de Carvalho e Lindamir Salete Casagrande (2011), ao longo da história, as mulheres desempenharam papel fundamental na produção do conhecimento, na manutenção familiar, no desenvolvimento e aplicação de conhecimento sobre plantas medicinais que foram a base para o desenvolvimento da medicina como a conhecemos. O tingimento de roupas que também foi desenvolvido por mulheres e apropriado pela indústria química, a fabricação de pães dentre outras criações e desenvolvimentos são sequer reconhecidos como ciência. As mulheres também foram as criadoras/inventoras de muitos artefatos tecnológicos que utilizamos cotidianamente nas atividades que desenvolvemos no campo pessoal, familiar e profissional, entretanto, a história destas mulheres não é contada, ficando elas invisíveis e silenciadas (INCERTI; CASAGRANDE, 2018).

Com base na forma como a sociedade construiu/constrói e mostrou/mostra a produção de homens e mulheres nos mais diversos setores, de modo especial no mundo das ciências e das invenções somos levados/as a pensar que somente os homens produzem conhecimento, fazem ciências e criam artefatos, ocultando, silenciando e invisibilizando as mulheres, suas descobertas, construções, conhecimentos e histórias. Desta forma, resgatar e visibilizar as histórias de mulheres que dedicaram suas vidas a atuar nestes campos é fundamental para que se desconstrua os estereótipos social e culturalmente construídos de que as mulheres não são capazes de criar conhecimentos que mudam o mundo. Isso é uma inverdade. Essa construção errônea e equivocada nos faz acreditar que todo o conhecimento é produzido por homens brancos e de classe média alta, outra inverdade.

Para contribuir na desconstrução destes pensamentos equivocados e preconceituosos é que surgiu a ideia de um projeto que leve as histórias das mulheres para o interior das salas de aula. A ideia é trabalhar com estudantes do Ensino Fundamental as histórias de mulheres atreladas com os conteúdos programáticos de cada fase escolar. Esse é um desafio que se apresenta as/aos professoras/es que não são capacitadas/os durante sua formação para superá-los. Muitas sequer veem essa metodologia como possibilidade e não é culpa delas/deles.

No final do ano de 2019 pensei em desenvolver um projeto de extensão universitária juntamente com alguns/mas discentes de doutorado em escolas públicas de Curitiba e região

metropolitana, entretanto, devido a pandemia causada pelo Coronavírus que assolou o mundo, o projeto teve de ser adiado. A ideia era de que o projeto atuasse em duas frentes de ação. A primeira visava oferecer oficinas às/aos professoras/es e estudantes de licenciaturas para que se sentissem motivadas/motivados a adotar essas atividades com seus/suas estudantes, bem como, oferecer uma preparação mínima para que elas/es tivessem condições e vontade de adotar esta prática com seus/suas estudantes. Minimizaríamos assim a lacuna causada pela ausência de formação para a inclusão dessas atividades no cotidiano escolar.

A segunda frente consistia em uma ação direta com as/os estudantes do Ensino Fundamental de escolas públicas no primeiro momento e particulares na sequência, dividida em dois encontros. No primeiro encontro, em parceria com as/os professoras/es, faríamos uma leitura comentada da história selecionada. Tínhamos alguns livros pré-selecionados dentre os quais *Marie Curie: uma história de amor às ciências*; *Zilda Arns: a tpsi que amava as crianças* e *Ada Lovelace: a condessa curiosa*. Ao decorrer do projeto poderíamos expandir para outros. Ao final dessa leitura comentada, deixaríamos com os/as estudantes algumas atividades a serem desenvolvidas em casa ou com a ajuda das/os professoras/es, conforme acordado com a equipe pedagógica da escola parceira. No segundo encontro faríamos uma análise e trabalho com o resultado das produções dos/as estudantes. Estas ações, previstas para acontecer no ano de 2020, tiveram que ser adiadas devido a pandemia. O tempo passou e o projeto esfriou em razão das mudanças em minha vida pessoal e nas de meus/minhas orientandos/as que concluíram seus doutorados e seguiram seus rumos, assim, o projeto não tem previsão para ser colocado em prática. Se alguém se interessar, pode levar o projeto adiante.

Em virtude da minha recente trajetória como escritora, tenho recebido convites para falar sobre o uso de história de mulheres nas aulas, e é sobre uma dessas falas que versa este artigo que, por sua vez, objetiva refletir sobre o uso de história das mulheres em aulas do Ensino Fundamental para abordar diversos temas do currículo escolar. Iniciarei fazendo algumas provocações e colocando as razões pelas quais considero fundamental e pertinente tal utilização. Na sequência apresento algumas sugestões de livros que podem servir de ponto de partida para as/os professoras/professores pensarem suas atividades e finalizo sugerindo algumas atividades que podem ser desenvolvidas junto aos/às estudantes. Gostaria de frisar que apresento apenas sugestões pois não tenho a intenção e nem me sinto capacitada para ensinar as/os docentes o que fazer em suas práticas pedagógicas. Essa autonomia é delas/deles.

Provocações

Neste ano de 2022 fui convidada a fazer uma palestra gravada, modalidade nova para mim, no I Seminário Internacional Infâncias, Educação e (Re)Existência - I SIIERE que ocorreu de 24 a 28 de outubro e foi organizado pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, *Campus Jacarezinho*. Iniciei minha fala convidando as pessoas que me assistiam a refletir sobre as seguintes questões: Quantas histórias de mulheres que contribuíram para a construção da história você conhece? Quantas você conheceu na escola/universidade? Você já utilizou história de mulheres nas suas aulas? Quantas mulheres cientistas aparecem nos livros didáticos? Você já pensou em usar história das mulheres nas suas aulas?

Até pouco tempo eu não teria resposta para essas perguntas, pois nunca havia pensado sobre isso. Em minha formação como estudante de escola pública e de uma faculdade particular subsidiada pela prefeitura na qual me formei professora de ciências e de matemática, jamais me deparei com a história de alguma mulher que tenha se destacado em alguma área do conhecimento, menos ainda, em matemática. Só fui ter esse contato no mestrado em tecnologia, logo me apaixonei e quis saber mais sobre elas - hoje conto suas histórias em meus livros. Isso acontece com a maioria das pessoas. Muitas concluem sua formação até o nível de doutorado sem conhecer mulheres que participaram do desenvolvimento do conhecimento na sua área de formação. Afirmo isso, sem medo de errar, com base no depoimento de uma amiga doutora em computação que, durante sua jornada acadêmica, nunca ouviu falar em Ada Lovelace⁴¹, primeira pessoa a desenvolver um programa de computador antes mesmo do computador existir. Isso não pode mais acontecer. Precisamos conhecer as mulheres que ajudaram a humanidade a chegar até aqui.

Afirmo isso com pesar, mas com esperança. O pesar deve-se ao fato de que o mundo poderia ser melhor se tivéssemos registrado corretamente e divulgado as histórias das mulheres, se tivéssemos acesso a elas em nossa juventude. A esperança nasce do movimento de resgate das histórias delas que está ocorrendo mundo afora. Em diversos países encontramos publicações de livros, *sites*, *blogs*, perfis nas redes sociais que fazem esse resgate. Assim, se torna mais fácil ter acesso às histórias de mulheres incríveis que contribuíram enormemente para o desenvolvimento da humanidade e possível apresentá-las para as crianças no Ensino Fundamental. Eu estou deixando minha humilde contribuição ao escrever a série de livros

⁴¹ Escreveu o primeiro algoritmo processado por uma máquina, ou seja, a máquina analítica de Babbage.

juvenis *Meninas, moças e mulheres que inspiram*, bem como, ao falar sobre essas mulheres nos espaços que, graças a esses livros, se abrem para mim. Convido-te a se juntar a nós e fazer a diferença por meio de sua prática alinhada à importância histórica e cultural das contribuições femininas à humanidade.

Por que usar história de mulheres no Ensino Fundamental?

Historicamente as mulheres foram afastadas do meio científico como uma forma de dominar e subjugar suas ações e reações, de inibir o exercício do pensamento livre e autônomo sob os mais absurdos argumentos. Dentre esses, dizia-se, por exemplo, que se uma mulher utilizasse o cérebro perderia a fertilidade. Quando as ciências eram desenvolvidas no interior das casas dos cientistas muitas mulheres participavam das pesquisas, mas, como o preconceito da época as impedia de participar ativamente da vida em sociedade, as publicações eram feitas em nome dos homens da família. Assim, os feitos e descobertas delas eram divulgados em nome do marido, do pai, do irmão, do filho, enfim, de qualquer homem da família e elas ficavam escondidas, eram apagadas e invisibilizadas. Isso explica o porquê é tão difícil resgatar suas histórias, encontrar nomes de mulheres cientistas entre os séculos V e XVII.

Com o advento das universidades e a transferência dos laboratórios para dentro delas, a situação piorou. Se antes elas podiam pesquisar, embora não levassem os louros das descobertas, agora elas sequer tinham acesso aos laboratórios, pois era vetado o acesso de mulheres aos bancos universitários. Por quê? Por preconceito, por machismo.

Não esqueçamos da caça às bruxas que nada mais era do que o assassinato de mulheres que detinham o conhecimento de ervas, raízes, rezas e, por isso, eram preferidas pela população para curar os males do corpo e da alma. Os padres e médicos, preteridos pelo povo, queriam o poder sobre a população e a única forma de obter esse poder era eliminando as mulheres sábias. Com esses assassinatos muito conhecimento se perdeu. As mulheres que escaparam da fúria e da sanha de poder dos inquisidores, por medo, negavam deter conhecimento capaz de salvar vidas. Assim se construiu o mito das bruxas más, que na verdade eram mulheres sábias.

Foram várias e eficazes as formas utilizadas pelos homens para afastar as mulheres das ciências. Tão eficazes que conseguiram construir na mente das mulheres a ideia de que elas eram/são incapazes de produzir conhecimento. Mas sempre houve resistência, mulheres que não se submeteram às vontades e aos desígnios dos homens e conseguiram se inserir e fazer história. Para acabar com essa ideia falsa de que mulheres não fazem ou não são capazes de fazer ciência e, portanto, de produzir conhecimento, precisamos apresentar as histórias de mulheres que venceram as barreiras de suas épocas às novas gerações o mais cedo possível. O

Ensino Fundamental é uma fase na qual pode ser feita a inserção/apresentação de forma lúdica e didática.

A história oficial da humanidade foi escrita e contada por quem tinha acesso aos meios de comunicação, tinha o direito de falar e escrever, os homens brancos de classe média-alta e alta. Ou seja, a eles não interessava falar sobre os feitos das mulheres, dos negros e dos indígenas. Muitos sequer tinham a capacidade de perceber tais feitos. Então, a história oficial é parcial e inverídica. Há necessidade de recontá-la e incluir nela as percepções e realizações de grupos que foram propositalmente esquecidos/ocultados como as mulheres, a população negra e os povos originários. Com a inclusão de história de mulheres brancas e não brancas diminuiremos um pouco essa lacuna.

Para que inserir a história de mulheres no Ensino Fundamental?

O uso de história de mulheres se apresenta como uma forma de diversificar as atividades com os/as estudantes. Pode desenvolver neles/as o senso crítico e a capacidade de perceber injustiças que ocorrem no cotidiano. Também serve para estimular o gosto pela leitura e a curiosidade que pode levá-los/as a desenvolver pesquisa para saber mais sobre o assunto nos quais as mulheres donas das histórias se destacaram e assim iniciar suas vidas como pesquisadores/as.

Outro motivo para inserir as biografias de mulheres no cotidiano escolar é para quebrar a falsa ideia de que as mulheres não produzem conhecimento, não fazem ciência. Conhecer pessoas oriundas de realidades semelhantes as delas mostra que a ciência, medicina, engenharia, literatura, música, dentre outras áreas do conhecimento e profissões são opções para seus futuros. Assim, pode-se estimular mais crianças, de modo especial meninas, a se interessarem por carreiras que requerem mais estudo como as científicas e tecnológicas. Diversos estudos (CASAGRANDE; LIMA; SOUZA, 2016, WALKERDINE, 1995, CARVALHO, 2008) evidenciam que as cientistas encontram animosidade e preconceito para a sua inserção e permanência no meio científico. Apresentar história de mulheres que romperam essas barreiras e fizeram história nesses campos do conhecimento pode estimular as meninas a se interessarem pelas áreas científicas, ajudando-as a se tornarem mais fortes a ponto de resistirem e transporem os obstáculos que, por ventura, se imponham em seus caminhos.

Essa ação serve ainda para que se rompa a ideia que permanece em muitas famílias de que só os meninos têm direito a ter acesso aos artefatos tecnológicos, ao estudo. Do mesmo modo, para que não ouçamos de alguns meninos que para eles as meninas são invisíveis como

apontou o estudo de Lucas Bueno de Freitas (2019) e ainda para tirar as mulheres e seus feitos da invisibilidade.

Nesta minha ainda curta trajetória como escritora tenho ouvido diversos depoimentos de mães que afirmam que seu filho ou sua filha afirmaram “quero ser igual Enedina” depois de ler sua história. Conhecer exemplos de pessoas com origem semelhante a deles, com a pele da mesma cor e o mesmo cabelo, mostra que estudar e se inserir no mundo científico é um direito de todas/os porque permite sonhar e ir em busca da realização de seus sonhos.

Com o uso de história de mulheres no Ensino Fundamental pode-se, a longo prazo, diminuir a desigualdade de gênero em nossa sociedade.

Como inserir história de mulheres no cotidiano escolar?

Como já disse, não escrevo este texto para ensinar as/os professoras/es como conduzir suas aulas, afinal, são elas/es que têm conhecimento de suas realidades escolares, dos recursos disponíveis, da realidade de seus/suas estudantes. São elas/eles também que são capacitadas/dos para pensar atividades adequadas para a faixa escolar nas quais atuam. Entretanto, como uma pessoa que olha de fora, que atuou muitos anos como docente do Ensino Médio e que pensa a educação de forma inclusiva e democrática, apresento algumas sugestões que podem servir de ponto de partida para as/os docentes adequarem à sua realidade.

No cotidiano escolar podem ser feitas atividades baseadas nas seguintes sugestões:

- Leitura comentada - Desenvolver a leitura do livro selecionado com os/as estudantes interrompendo quando aparece algum tema ou palavra desconhecida por eles/as para elucidar as dúvidas que surgirem e auxiliar a compreensão do texto;
- Produção de textos recontando a história ou destacando os pontos que mais atraíram a atenção dos/as discentes;
- Elaboração de perguntas que gostariam de fazer às mulheres donas da história em uma possível entrevista, ou até mesmo à autora do livro;
- Solicitar que façam um desenho relacionado à história para uma exposição nos espaços comunitários da escola;
- Preparar uma encenação de algum episódio da vida da homenageada no livro escolhido;
- Pesquisar outras mulheres, ou outras pessoas que se destacaram na mesma área;
- Elaboração de passatempo como palavras cruzadas, caça palavras com base na história que está sendo trabalhada;
- Produzir livros com base nos textos e desenhos elaborados pelos/as estudantes. Não estou falando de livros publicados por editoras, mas produzidos por eles, impressos nas impressoras

da escola e distribuídos para os próprios estudantes levarem para suas casas. Eventualmente pode-se chegar a um resultado que desperte o interesse de alguma editora em publicar.

Ao final dos livros que produzo apresento algumas atividades que podem ser desenvolvidas no cotidiano escolar e que servem de inspiração para as docentes planejarem suas aulas. Há muitas possibilidades e as/os professoras/es são criativas/vos e capazes de escolher quais melhor se adequam à sua realidade escolar.

Quais livros usar?

Como disse anteriormente, existe um movimento, a nível mundial, de resgate das histórias das mulheres que contribuíram para o desenvolvimento da humanidade. Cabe lembrar que todos/as nós contribuímos para tal desenvolvimento, entretanto, algumas pessoas se tornaram famosas e reconhecidas, em maior ou menor grau, por seus feitos. Assim se torna fácil encontrar materiais disponíveis. Alguns podem ser acessados de forma gratuita. Apresento a seguir uma lista de sugestões de livros que podem servir de apoio às/aos professoras/professores, porém existem outros tantos que eu desconheço ou que esse texto não dá conta de apresentar.

Início a indicação de biografias com os livros que eu produzi até o momento. São cinco livros que compõem a série *Meninas, moças e mulheres que inspiram* e são publicados pela Editora InVerso. Todos os livros são ilustrados por mulheres artistas brasileiras que me ajudam a contar as histórias por meio de seus lindos desenhos. A abertura da série se deu com o livro *Marie Curie: uma história de amor à ciência*. Esse livro conta de forma sucinta a história da maior cientista que o mundo conheceu, a primeira pessoa a conquistar dois prêmios Nobel em duas áreas científicas diferentes – Física e Química. Sua história pode incentivar as crianças a se dedicarem ao estudo e desenvolvimento das ciências. Vanessa Martinelli me ajudou a contar essa história por meio de ilustrações lindíssimas.

O segundo livro da série foi dedicado à história de uma médica brasileira. Sob o título *Zilda Arns: a tpsi que amava as crianças*, o livro apresenta a trajetória dessa mulher que nasceu em Santa Catarina e construiu sua carreira no Paraná, que dedicou sua vida a cuidar das crianças e dos mais necessitados. Criou, dentre outras coisas, a Pastoral da Criança que salvou muitas crianças da morte por desnutrição e desidratação. Quem me ajudou a contar essa história foi Lucy Ana Soares Camelo Casagrande que fez sua estreia como ilustradora nesse livro.

Na sequência foi a vez de resgatar o percurso de vida da primeira mulher que conseguiu registrar seu nome na história como matemática. O livro *Hipátia de Alexandria: a matemática, astrônoma e filósofa lendária* apresenta a história desta mulher que viveu nos séculos IV e V

d.C. e era considerada autoridade nas ciências da época. Para esse livro contei com o talento e parceria de Andréa Martau, responsável pela ilustração.

Para o quarto livro da série, foi a vez de voltar ao Brasil e contar a história da primeira engenheira negra do Brasil e primeira engenheira da região sul. *Enedina Marques: mulher negra pioneira na engenharia brasileira* apresenta a história desta curitibana que, graças a sua persistência, capacidade e sabedoria para aproveitar as poucas oportunidades que a vida lhe deu, mudou seu destino pela educação. O livro conta com a lindíssima ilustração de Lhaiza Morena e neste ano de 2022 é finalista do prêmio Jabuti na categoria juvenil. No momento que escrevo este texto ainda não aconteceu a final do prêmio. Quem sabe ele não seja o vencedor?! Pesquise aí!

Sophie Germain: a matemática formada às escondidas e quase esquecida traz a história de uma mulher francesa que foi impedida de frequentar os bancos escolares e universitários por ser mulher, mas não desistiu de se dedicar ao estudo de matemática e física. Dentre outras coisas, descobriu os princípios básicos da teoria da elasticidade dos materiais, conhecimento esse que permite a construção de grandes edifícios.

A ilustração dessa história coube à Angélica Spadari. Essa é minha contribuição até o momento para o resgate das histórias de mulheres. Como podem observar, todos os meus livros foram e serão ilustrados por mulheres. Essa é uma postura política minha para dar mais visibilidade às talentosas mulheres ilustradoras. Tenho convicção de que elas têm plena capacidade de entender a ideia dos livros e fazer um lindo trabalho como aconteceu até o momento. Sou imensamente grata a elas pela parceria. Contudo, eu não sou a única pessoa contando histórias de mulheres. Assim, passo agora à indicação de livros e materiais de outras autoras que podem ser utilizados como material de apoio nas atividades docentes. Por enquanto só tenho encontrado mulheres fazendo esse resgate. Por que será?

Ainda pela Editora InVerso temos o livro *Ada Lovelace: a condessa curiosa* de Silvia Amelia Bim que apresenta a história da primeira programadora de computadores. Já a editora Companhia das Letrinhas nos apresenta o livro *ABCDelas* de Janaína Tokitaka, que revela uma profissão iniciada com cada letra do ABCdário e relaciona a ela a história de uma mulher que se destacou nesta profissão.

O livro *As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo* é de autoria de Rachel Ignotofsky, foi publicado pela editora Blucher e traz minibiografias de 50 mulheres que se destacaram nas mais variadas áreas do conhecimento. Excelente material para servir de ponto de partida para as pesquisas dos/as estudantes. No mesmo estilo de publicação, pela editora

Planeta temos os três volumes do livro *Histórias de ninar para garotas rebeldes* de autoria de Elena Favilli e Francesca Cavallo, cada volume conta com a história de 100 mulheres.

Débora Thomé nos presenteou com a autoria do livro *50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer* publicado pela editora Galera. Já o livro *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil* é de autoria de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo e foi publicado pela editora Seguinte. Esses dois livros nos lembram que as mulheres brasileiras também fizeram coisas geniais e que precisamos conhecê-las.

Podemos citar ainda os livros *Grandes mulheres que mudaram o mundo* de Kate Pankhurst e Flávia Yacubian pela VR editora; *Wonder womam: 25 mulheres inovadoras, inventoras e pioneira que fizeram a diferença* de Sam Maggs pela editora Primavera; *Malala: a menina que queria ir para a escola* de Adriana Carranca pela Companhia das Letrinhas, dentre outros que podem ser encontrados na internet. Todos esses livros são comerciais, portanto, precisam ser comprados. Entretanto há ainda projetos disponibilizados gratuitamente que podem ser acessados pelas/os docentes.

Um projeto muito interessante e de acesso livre é desenvolvido por professoras e estudantes da Universidade Federal do Paraná. São livros de passatempo elaborados a partir da história de mulheres e que estão prontos para a utilização com os/as estudantes. Os materiais podem ser acessados no seguinte endereço: <https://meninasmulheresnascienciasufpr.blogspot.com/>.

A estudante de licenciatura em Ciências biológicas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Laura Maria Souza Batista também nos presenteia com sua obra intitulada *10 mulheres para se inspirar*, que pode ser acessada juntamente com um caderno de atividades baseadas nesse livreto, como ela denomina sua obra, no link: <https://sites.google.com/view/mulheresinspiradoras/apresenta%C3%A7%C3%A3o?authuser=0>.

Como podemos perceber, temos muitas opções de materiais sendo produzidas, de modo especial, no Paraná e que podem ser utilizados para preparar aulas para os diversos níveis do Ensino Fundamental e Médio. Cada docente tem capacidade de pensar as melhores estratégias, e, se julgar pertinente e cabível, inserir a história das mulheres no cotidiano de suas aulas.

Considerações finais

A proposta deste artigo foi refletir sobre o uso de história das mulheres em aulas do Ensino Fundamental para abordar diversos temas do currículo escolar. Acredito que esse uso é

uma estratégia para discutir gênero, racismo, diversidade de forma leve, sem encontrar barreiras e resistência por parte da equipe pedagógica e dos pais mais conservadores.

O resultado dessa prática pode ser muito enriquecedor nos processos de ensino e de aprendizagem dos/as estudantes. Tenho recebido convites para ir a algumas escolas públicas e privadas que estão desenvolvendo atividades semelhantes para conversar com as/os estudantes. Nesses encontros vejo os olhos brilhantes, curiosos e espertos querendo saber mais da minha trajetória como professora e escritora. Também percebo a criticidade dessas crianças, geralmente do 5º ano, que, diversas vezes se mostram indignados com os preconceitos e as dificuldades que foram impostas às mulheres cujas histórias eu contei em meus livros pelo simples fato de serem mulheres. Desses encontros me vem a certeza de que esse uso faz muito bem para o desenvolvimento de próxima geração de cidadãos e cidadãs críticos/as e menos preconceituosos/as, bem como, de que as/os professoras/es estão capacitadas/dos e motivadas/dos para levar essas atividades a seus/suas estudantes.

Dos encontros com estudantes trago ainda muitas sugestões de nomes que podem ter suas histórias contadas em algum livro futuro. Quando confirmo que o nome sugerido está na minha lista – sim, existe uma lista- seus olhos acendem feito farol.

Como afirmei, não estou escrevendo esse artigo para ensinar às/aos professoras/es o quê e como fazer, e sim, para provocá-las/los a pensar nessa possibilidade e dar algumas sugestões. Acredito fortemente no potencial do uso de história de mulheres no cotidiano escolar do Ensino Fundamental, bem como na capacidade das/dos docentes em conduzir essas atividades.

Pensar numa educação mais justa e democrática requer atitudes que promovam a equidade de gênero, raça e classe. Requer ações de diminuam os preconceitos e discriminações de qualquer ordem. Requer coragem e estímulo para fazer diferente e fazer a diferença.

Referências

CARVALHO, Marília Gomes. É possível transformar a minoria em equidade? *In*: RISTOFF, Dilvo; GROZ, Dirce Margarete; CABRAL, Maria das Graças Serafim; LEPORACE, Maria Marcia dos Santos; LOPES, Maria Margaret; MIGUEL, Sonia Malheiros. (Orgs.). **Simpósio Gênero e indicadores da educação superior brasileira**. 1 ed. Brasília: INEP, 2008, v. 1, p. 109-138.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. **Interthesis**, v. 8, n. 2, p. 20-35, 2011.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(3), set./dez./2016.

FREITAS, Lucas Bueno de. “**É Que Pra Mim Vocês São Invisíveis**”: relações de gênero em aulas de ciências do Ensino Fundamental. Curitiba, 2019, 171fl. Tese. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

INCERTI, Tânia Gracieli Vega; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Elas fizeram (e fazem) parte da história da ciência e da tecnologia e são inventoras sim!. **Cad. Gên. Tecnologia**, Curitiba, v. 11, n. 37, p. 5-26, jan./jun. 2018.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, jul./dez. 1995.